

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**Walter Benjamin e a cidade-livro: Paris e a literatura**

Vinícius Canhoto Gomes Machado

Projeto de Pesquisa desenvolvido para Programa  
de Pós-doutorado da Faculdade de Filosofia da  
Universidade de São Paulo.

Prof. Supervisor: Olgária Chain Féres Matos

São Paulo  
2023

## Introdução

O presente projeto parte de uma instigante constatação de Walter Benjamin em um dos arquivos da obra das *Passagens*. O autor escreveu que existe pouca coisa na história da humanidade que conheçamos tanto quanto a história da cidade de Paris. Destacou que dezenas de milhares de volumes são dedicados unicamente ao estudo daquele minúsculo pedaço de terra. Comentou que talvez se conheça o destino de quase cada uma das casas de Paris no decorrer dos séculos. Por exemplo, o catálogo da biblioteca imperial, impresso sob Napoleão III, continha aproximadamente 100 páginas no verbete Paris — uma coleção que estava longe de ser completa. E muitas das principais ruas tiveram sua literatura específica, o que nos permite possuir o testemunho escrito sobre mais de mil modestas moradias da cidade. Uma frase do poeta Hugo Von Hofmannsthal denominou a cidade como “uma paisagem construída a partir da própria vida”.

Diante desta constatação, pretendemos analisar o trabalho das *Passagens* como construção filosófico-literária e, a partir disso, abordaremos sobre a metodologia benjaminiana de reconstrução estética, histórica e literário-filosófica da cidade, enquanto relação “livro/mundo” na leitura de uma cidade e/ou uma época. Em *Rua de Mão Única*, Benjamin citou Giraudoux para dizer que de “todas as cidades não há nenhuma que se ligue mais intimamente ao livro que Paris”<sup>1</sup>. O autor afirmara que nenhum monumento nesta cidade no qual uma obra-prima não se tenha inspirado.

Notre Dame — pensamos no romance de Victor Hugo. Torre Eiffel — *Os Noivos da Torre Eiffel*, de Cocteau; com *Oração na Torre Eiffel*, de Giraudoux, já estamos nas vertiginosas alturas da nova literatura. A Ópera: com o famoso romance policial de Leroux, *O Fantasma da Ópera*, estamos nos subterrâneos dessa construção e da literatura ao mesmo tempo. O Arco do Triunfo se estende em volta da Terra com o *Túmulo do Soldado Desconhecido*, de Raynal. Esta cidade se inscreveu tão indelevelmente na literatura porque nela mesma atua um espírito aparentado aos livros<sup>2</sup>.

Na pesquisa, procuraremos mostrar como Paris se configurou em uma cidade-livro e de que maneira Benjamin utilizou-se da literatura de sua época e do século XIX para analisar a modernidade, que tinha como epicentro a cidade parisiense. Há uma infinidade de autores, que foram incorporados aos arquivos benjaminianos como fontes da história cultural da

---

<sup>1</sup> BENJAMIN, W. *Rua de Mão Única*, Obras escolhidas II. Trad. José C. Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 195.

<sup>2</sup> *Ibidem* p. 195.

época. Nos arquivos benjaminianos podemos encontrar os surrealistas André Breton e Louis Aragon; poetas como Baudelaire e Victor Hugo; escritores como Balzac, Flaubert, Stendhal, Zola e Proust; além de muitos outros escritores não tão famosos, mas que também contribuíram para construir a cidade-livro. Nas *Passagens* há um cosmo e uma cosmologia no aparente caos de citações e anotações, onde encontramos informações sobre temas da história social passada que despertavam o interesse do autor, enquanto colecionador. Citações que compõem “o livro da natureza”, a indicar que se pode ler o real como um texto. Desta forma, foi tratada a realidade do século XIX nos arquivos benjaminianos. O autor sugere a nós abrimos o livro do que aconteceu<sup>3</sup>.

Nas páginas de *Passagens* encontra-se uma diversidade de discursos e citações que compõem a polifonia da época, que criam grandes imagens filosófico-literárias do período, como bem definem a cidade de Paris como uma cidade de opostos, como podemos ler nas palavras de Susan Buck-Morss: Paraíso e inferno; fantasmagoria e choque, mundo de sonho e catástrofe<sup>4</sup>. Ou *le monde à rebours* (“o mundo às avessas”), conforme expressão que Fourier usou, evocando a sabedoria popular<sup>5</sup>. Nos registros benjaminianos aparecem fragmentos indicativos de que as interpretações da época não são unívocas, como podemos ler na citação de Anatole France:

Aconteceu-me muitas vezes apreender certos fatos menores que se passavam diante de meus olhos e perceber neles uma fisionomia original, na qual eu me comprazia em discernir o espírito da época. “Isto, eu dizia a mim mesmo, só poderia se dar hoje, não poderia ser em outro momento. Isto é um sinal do tempo”. Ora, reencontrei nove vezes em dez o mesmo fato em circunstâncias análogas em velhos relatos ou em velhas histórias<sup>6</sup>.

Outro exemplo é a frase de Rémy de Gourmont: “Se guardamos da história apenas os fatos mais gerais, os que se prestam aos paralelos e às teorias, basta – como dizia Schopenhauer – conferir com Heródoto o jornal da manhã: tudo o que ocorre no intervalo, repetição evidente e fatal dos fatos mais longínquos e dos fatos mais recentes, torna-se inútil e fastidioso”<sup>7</sup>.

<sup>3</sup> BENJAMIN, W. *Passagens*, Trad: ARON, Irene & MOURÃO, Cleonice P. B. Minas Gerais: Editora, UFMG, 2006, arquivo [N 4, 2]. Nas próximas citações das *Passagens* será referido: autor, obra e arquivo.

<sup>4</sup> Cf. BUCK-MORSS, S. *La Città come Monde di Sogno e Catástrofe. Un Testamento Benjaminiano*. IN: GUGLIELMINETTI Et al. *Walter Benjamin: Sogno e Industria*. Torino: Celid, 1996, p. 46.

<sup>5</sup> Cf. BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [G 14a, 4].

<sup>6</sup> FRANCE, A. apud BENJAMIN. *Passagens*, arquivo <G°. 4>.

<sup>7</sup> Cf. BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [S la, 2].

O principal problema a ser pesquisado é a construção da metodologia historiográfica benjaminiana, a partir de frases de efeito, comentários, máximas, aforismos, excertos filosóficos e trechos literários, que captou o *Zeitgeist* da modernidade, interpretando a busca pela novidade, no decurso histórico, como repetição do “eternamente igual” ao mesmo tempo em que rejeitou o binarismo progresso/decadência, diferenciando-se de uma “historiografia do progresso” por saber que a “barbárie está inserida no próprio conceito de cultura”<sup>8</sup> e, desse modo, apreendeu no interior do movimento dialético que há o mito na história e a história no mito: “A história é como Janus, tem duas faces: quer olhe o passado, quer olhe o presente, ela vê as mesmas coisas”<sup>9</sup>.

### **Justificativa**

Denominado “proto-história” (*Urgeschichte*) do século XIX, o projeto das *Passagens* buscava investigar a infância da modernidade técnica, o passado do capitalismo industrial, o presente do capitalismo de consumo, com a intenção de mostrar a materialidade da modernidade “em seu esplendor poético e sensual”<sup>10</sup>, que aparece ao homem moderno a partir de suas expressões oníricas como as exposições universais, os panoramas, as passagens parisienses, a fotografia, a moda, a prostituta, o dândi, o flâneur, o reclame. Imagens, lugares e personagens típicos que compunham uma dialética e não um mero recurso ilustrativo. A cidade moderna foi construída como palco da sociedade do consumo e do espetáculo, o território do Capital, do qual Paris é a capital. Fator que inspirou Benjamin em desmistificá-la como um sonho em estado de vigília, construção inacabada, microcosmo da modernidade e ao mesmo tempo “cidade que se move sem parar”<sup>11</sup>, um lugar que se apresenta ora como caleidoscópio, ora como mosaico para o choque do homem inserido na *Großstadt*, em meio à multidão, à rua, à prostituição, à mercadoria tornada fetiche. Em Paris, o autor encontrou “a epopéia da vida moderna, sempre arrebatadora e turbulenta, o panorama de alegria e lágrimas passando como a poeira dos trilhos perto das cortinas do vagão”<sup>12</sup>.

---

<sup>8</sup> BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [N 5a, 7].

<sup>9</sup> BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [S 1, 1].

<sup>10</sup> BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [N 5a, 4].

<sup>11</sup> BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [P, 1,1].

<sup>12</sup> BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [D 3,3].

O projeto benjaminiano era o de investigar como surgiu o conceito de cultura, qual seu sentido nas diferentes épocas e a que necessidades correspondeu sua elaboração<sup>13</sup>. Seu recorte era o século XIX. O autor buscou uma apresentação materialista da história, que levasse o passado a colocar o presente numa situação crítica<sup>14</sup>. Para isso, a linha investigativa procurava encontrar as “forças de repouso (da tradição)” que chegam do século XIX até o século XX<sup>15</sup>. O que Buck-Morss chama de “as *origens* históricas do presente”<sup>16</sup>.

Neste sentido, a relevância desse projeto se justificará pelo aprofundamento da pesquisa relativa às fontes literárias utilizadas por Benjamin na obra das *Passagens* para construir uma interpretação historiográfica, literário-filosófica sobre a cidade de Paris enquanto capital cultural do século XIX. E não apenas isso. No projeto buscaremos tratar de como Paris se transformou em uma espécie de cidade-livro que poderia ser ao mesmo tempo ser lida e ser fonte de inspiração literária. Como, por exemplo, a sala de trabalho da Bibliothèque Nationale, construída em ferro e vidro. Neste lugar, onde Benjamin realizava suas pesquisas, a arquitetura provocava, além do efeito imagético, um efeito mágico: “A folhagem pintada na abóbada da Bibliothèque Nationale. Quando se folheia um livro embaixo, ouve-se o farfalhar lá em cima”<sup>17</sup>.

Exploraremos as camadas históricas, culturais e artísticas dentro dos arquivos, que refletem a complexidade da experiência metropolitana. Ao recusar a noção de otimismo na história do século XIX, a historiografia benjaminiana é transitória e resiste a qualquer aliança com as grandes narrativas que comemoram o progresso social, transformando espaço geográfico em uma matriz de texto<sup>18</sup>.

---

<sup>13</sup> BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [N 6, 1].

<sup>14</sup> BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [N 7a, 5].

<sup>15</sup> BENJAMIN. *Passagens*, arquivo <C°, 5>.

<sup>16</sup> BUCK-MORSS, S. *A Dialética do Olhar. Walter Benjamin e o Projeto das Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 94

<sup>17</sup> BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [S 3, 3].

<sup>18</sup> Sobre isso, Karl Ivan Solibakke comenta: “Benjamin explora a reconfiguração das primeiras paisagens urbanas contemporâneas e mapeia um projeto alegórico para a memória cultural burguesa. Fiel ao espírito enciclopédico de sua análise, a doutrina do materialismo histórico que ele defendeu, e sua paixão por acumular artefatos escritos como fragmentos em escavações arqueológicas, [...] ou, mais simplesmente, escrever história, citando a história. [...] Intercalando trechos de 850 fontes secundárias com comentários originais, observações e glosas, o autor justifica como as mudanças na existência urbana foram espelhadas nas superfícies, fachadas e contornos de uma metrópole em rápida evolução. Em particular, as novas tecnologias impactaram os locais comuns, e estes passaram a incorporar a memória coletiva e as visões públicas em Paris, “a capital do século XIX”. [...] As arcadas, lojas cobertas de vidro e áreas de recreação burguesas, tornaram-se testemunhas de um momento perceptível no *continuum* da história cultural européia. Seu declínio ou desaparecimento na época em que Benjamin começou a relatar seu significado não apenas aponta para um índice histórico, mas também anuncia a passagem da memória coletiva do século XIX, quando o século XX começou a invadir a paisagem urbana”. SOLIBAKKE, K. I. *The Passagen-Werk Revisited: The Dialectics of Fragmentation and*

## Hipótese

“Escrever a história significa dar às datas a sua fisionomia”<sup>19</sup> — propôs Benjamin. Muito mais que datas, o autor estava preocupado com a fisionomia da época, como indica a seguinte passagem: “Cada data do século XVI carrega atrás de si uma púrpura. Somente agora as datas do século XIX devem receber sua fisionomia. Sobretudo graças aos dados da arquitetura e do socialismo”<sup>20</sup>. Desta forma, nosso projeto percorrerá a historiografia por fragmentos literários e das fontes que compõem as *Passagens*, cuja hipótese de trabalho nos instigará a pensar de modo cultural e não cronológico.

Esta hipótese é também compartilhada pelo trabalho de Norma Garza quando explicita que, no *Livro das Passagens*, Benjamin criava o espaço literário e erigia a Paris do século XIX ao revelar a vida e a voz da experiência na cidade e o caráter das formas sociais modernas. Portanto, o livro benjaminiano expõe a narração de uma modernidade que recupera, examina ou decifra o espaço ao deter-se nas minúcias e nos transtornos da existência urbana. Sua leitura pode ser interpretada como um grande mosaico de vozes e sentidos; de lugares e épocas para retornar ao espaço da escritura, ao presente sempre atualizado de uma leitura crítica que tenta se desenraizar e abrir ao saber do umbral ou da fronteira, da linha divisória, do limiar, entre um habitante e outro, entre as ruas ou as cidades. Para isso, Benjamin quis, com a técnica da montagem e o uso de imagens dialéticas, descobrir o pequeno momento singular, o cristal do acontecimento total, e desse modo:

Captou em seu livro os fenômenos da construção urbana: nomes de ruas, lojas de departamento, cafés, exposições universais, sistemas de iluminação, moda, publicidade, mercadorias, finalmente a visibilidade do espaço e suas contradições. Logo, Benjamin deu-lhes uma perspectiva de leitura em constante reinterpretação. Recorreu a figuras como a do colecionador, o flâneur, o jogador, a prostituta, o trapeiro; expôs as metamorfoses dos habitantes da cidade com a chegada da modernidade: o tédio, a melancolia, a errância, a perda. Observou e se deteve sobretudo no envelhecimento das novidades e nas invenções que surgiram das forças produtivas do capitalismo acelerado. Benjamin viu assim o traço característico de espaço de memória de uma cidade, onde se confluem os tempos e da história, modelado na arquitetura e no design urbano de uma modernidade nascente, expressa neste caso pelas palavras de outro: a citação. Método muito característico do Livro das Passagens, que se compõe como uma espécie de mosaico em que cada azulejo ou fragmento está relacionado com a composição do conjunto; criando, no espaço

---

*Reconfiguration in Urban Modernity*. GOEBEL, R (Org). A companion to the works of Walter Benjamin. p. 153.

<sup>19</sup> BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [N 11,2].

<sup>20</sup> BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [S 1a, 7].

urbano, novas constelações saturadas de tensões para destacar uma época concreta que se encontra justamente com um momento presente<sup>21</sup>.

Benjamin buscou escrever a história por meio de imagens, atribuindo aos anos a sua fisionomia. Na pesquisa, pretendemos desenvolver a leitura e interpretação das fontes citadas por Benjamin no interior das *Passagens* para refazer seu caminho interpretativo, como documentos da cultura e, ao mesmo tempo, documentos da barbárie. Como hipótese de leitura, propomos que a Paris, das *Passagens* de Benjamin, é um documento que pode ser lido.

## Objetivos

O objetivo da pesquisa será o de examinar o contexto artístico e cultural da “Paris: Capital do Século XIX”, interpretar o amálgama literário, estético e historiográfico, esmiuçar as inúmeras fontes e autores utilizados por Benjamin nos arquivos das *Passagens*. Além de analisar de forma teórico-filosófica, sistemática e crítica, a produção artística da época (como surrealismo, dadaísmo, futurismo, entre outros), o projeto também tem em vista utilizar-se da filosofia e demais produções da época como base de orientação para a interpretação do período histórico. Trabalho embasado na possibilidade de múltiplas leituras de variados gêneros: históricos, literários, críticos, sociológicos, arquitetônicos, pictóricos, para estabelecer maior relação e compreensão dos temas, ideologias, inspirações e estados de espírito contidos nas obras do período.

## Metodologia

Para reconstruir e recompor a cena histórica, Benjamin, em várias passagens, utilizou como método investigativo a busca de rastros, pistas e vestígios, ou seja, práticas próprias do romance policial — “Quantas coisas num paletó, quando as circunstâncias e os homens o fazem falar!”<sup>22</sup>. O projeto das *Passagens* perpassa pelos fatos da vida do século XIX a partir da literatura da época e sobre a época. Neste sentido, Benjamin converte o leitor em estudante

---

<sup>21</sup> GARZA, N. *El Espacio de la Memória*. IN: COHEN, E. (Org) Walter Benjamin: Fragmentos Críticos. Ciudad de México: Universidad Autónoma de México, s./d., p. 280.

<sup>22</sup> BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [I 5a, 2].

e caçador: “O texto é uma floresta na qual o leitor é o caçador. Rumores na floresta: a idéia — a presa arisca; a citação — uma peça do quadro. (Nem todo leitor consegue encontrar a idéia.)”<sup>23</sup>. O autor dos arquivos muitas vezes adotara uma forma de “citação desmascaradora”, como o procedimento de um criminoso que não tem medo de deixar suas digitais na cena do crime.

Benjamin foi claro ao escrever a respeito do método que pretendia dar ao projeto das *Passagens* nos seguintes termos:

Método deste trabalho: montagem literária. Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar. Não sursurpiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os<sup>24</sup>.

O autor não deixou de registrar os discursos controversos e contraditórios que interpretaram o século XIX. Para isso, Benjamin adotou “doutrina eclética” a partir do passado, da história, dos cronistas da época, dos literatos, de que tirou suas forças e, finalmente, da história da literatura, cujos tesouros a crítica descobriu sem aprofundar-se propriamente na vida literária de sua própria época<sup>25</sup>. O autor desenvolveu ao grau máximo a arte de citar sem marcas de citação. A técnica de montagem se tornou um método arqueológico em que, “para visitar a cidade morta, não basta uma mera excursão — é preciso fazer escavações”<sup>26</sup>. No entanto, Paris estava viva, intensamente viva, o que não impedia Benjamin de lançar mão de uma arqueologia literária, que poderia até ser interpretada como exemplos de “extravagâncias de homens fantasiosos em seus gabinetes de estudo”<sup>27</sup>, porém era um rigoroso método para investigar o passado ainda vivo de Paris:

Quando tiveram início as escavações? Saguões de cassinos etc. fazem parte desta refinada variante da morada de sonho. É possível imaginar por que uma fonte num recinto fechado suscita o devaneio. Mas para compreender bem o estremecimento de horror e de sublime que possa ter acometido o visitante ocioso quando ultrapassava este limiar, é preciso lembrar que a descoberta de Pompéia e Herculano havia ocorrido na geração anterior, e que à lembrança da destruição destas cidades sob a lava associava-se de maneira secreta, porém tanto mais íntima, aquela da grande Revolução. Pois quando a súbita reviravolta pôs um fim ao estilo do Antigo Regime, aquilo que aqui se desenterrava era adotado às pressas como o estilo de uma república

<sup>23</sup> BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [m 2a, 1].

<sup>24</sup> BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [N 1a, 8].

<sup>25</sup> MEYER, J. apud BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [K2, 1].

<sup>26</sup> PROUST, M. apud BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [K 9, 1].

<sup>27</sup> BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [L 1, 2].



gloriosa, e palmeiras, ornamentos de acantos e meandros tomaram o lugar das pinturas rococó e dos enfeites chineses do século anterior<sup>28</sup>.

Neste sentido, é significativa a influência do surrealismo no autor que, através da iluminação profana, provocou a erupção do sentido artístico imagético e supra-literário, porque suas obras “não lidam com a literatura, e sim com outra coisa — manifestação, palavra, documento, *bluff*, falsificação, se se quiser, tudo menos literatura —”, e quem o percebeu “sabe também que são experiências que estão aqui em jogo, não teorias, e muito menos fantasmas”<sup>29</sup>. Sobre o isso, Alexander Gelley comenta: “O que atraiu Benjamin no Surrealismo foi que ele buscou maneiras de utilizar técnicas de arte para fins extra-estéticos, mais especificamente, para minar o status da arte como uma preservação da cultura burguesa”<sup>30</sup>. Neste aspecto, a adoção benjaminiana de métodos extra-literários como a “montagem imagética”<sup>31</sup> fotográfica ou cinematográfica, literários como intertextualidade e as citações, enquanto elementos sísmicos e matérias candentes, bem como a tradução que liberta da fidelidade ao original, promove a composição do pensamento por imagem, pensamento que permite construir “a cidade topograficamente, dez vezes ou cem vezes, a partir de suas passagens e suas portas, seus cemitérios e bordéis, suas estações e seus..., assim como antigamente ela se definia por suas igrejas e seus mercados. E as figuras mais secretas, mais profundamente recônditas da cidade: assassinatos e rebeliões, os nós sangrentos no emaranhado das ruas, os leitos de amores e incêndios”<sup>32</sup>.

Outro procedimento surrealista adotado pelo autor era o de buscar na própria matéria da cidade, ou melhor, nos próprios materiais que constituem a estrutura da cidade, seu material de pesquisa. O melhor exemplo é a arquitetura, as estruturas de ferro e o vidro, que surgiram como novos materiais e se apresentam como “substâncias vitais”, que permitiam realizar uma “radioscopia da situação da classe burguesa no momento em que nela surgem os primeiros sinais de decadência. Em todo caso, matérias de vital importância no plano político – como o demonstram tanto a fixação dos surrealistas por estas coisas quanto a exploração delas pela moda atual”<sup>33</sup>.

<sup>28</sup> BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [L 1, 1].

<sup>29</sup> BENJAMIN. *O Surrealismo O Último Instantâneo da Inteligência Européia*. IN: Obras escolhidas volume I: magia e técnica, arte e política. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 23.

<sup>30</sup> GELLEY, A. *Benjamin's Passages: Dreaming, Awakening*. New York: Fordham University Press, 2015, p. 103.

<sup>31</sup> *Ibidem* p. 112.

<sup>32</sup> BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [C 1, 9].

<sup>33</sup> BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [N 1, 11].

A forma fragmentária da obra *Passagens* condenou o leitor a um perpétuo *puzzle*, que ora pode ser ingênuo, ora inventivo, de acordo com a capacidade do leitor de jogar e remontar as peças, configurar a partir dos fragmentos uma imagem caleidoscópica ou uma constelação. Sendo ao mesmo tempo um colecionador, um alegorista, Benjamin nos legou sua coleção de comentários e citações para que desta “desordem produtiva”<sup>34</sup> conseguíssemos a imagem de uma época:

A recordação do homem meditativo dispõe da massa desordenada do saber morto. Para ele, o saber humano é despedaçado em um sentido particularmente significativo: ou seja, como a quantidade de peças arbitrariamente recortadas a partir das quais se monta um *puzzle*. Uma época avessa à meditação conservou seu comportamento no *puzzle*. Este gesto é sobretudo o do alegorista. O alegorista pega uma peça aqui e ali do depósito desordenado que seu saber põe à sua disposição, coloca-a ao lado de uma outra e tenta ver se ambas combinam: aquele significado para esta imagem ou esta imagem para aquele significado<sup>35</sup>.

Os procedimentos de montagem sublinham o caráter de “obra aberta”, fazendo com que o leitor se torne co-autor dos textos, efetuando a montagem por sua conta. Buck Morss corrobora o argumento quando escreve que o princípio da construção benjaminiano é o da montagem, onde os elementos ideacionais da imagem permanecem irreconciliados e não fundidos em uma só “perspectiva harmonizadora”. A técnica da montagem, para Benjamin, tinha “direitos especiais, talvez mesmo totais”, como uma forma progressista, porque ela “interrompe o contexto em que se insere” e assim “age contra a ilusão”, e ele intencionava constituí-la em princípio de construção organizador do *Passagen-Werk*<sup>36</sup>.

Na pesquisa iremos analisar os procedimentos técnicos e metodológicos benjaminianos, que foram influenciados pelas novas técnicas, como a fotografia e o cinema, trazendo a imagem para o primeiro plano enquanto princípio constitutivo que expõe não apenas os desejos de consumo da massa, mas também o movimento de idéias por meio da imagem. A própria construção da obra *Passagens* adotava procedimentos da técnica moderna como a montagem, a partir da citação e da tradução, que remetem à fotomontagem e à legenda cinematográfica, da mesma forma que a construção por meio de fragmentos, que constitui uma imagem que forma o caleidoscópio, o mosaico ou móbile. Confrontado com as montagens textuais de Benjamin, o leitor também é obrigado a ordenar os destroços que fizeram os modelos de arcadas de lembranças culturais burguesas e reconstruir a rede semiótica que ajudou a gerar a urbanidade parisiense. Desse modo, frases e fragmentos,

<sup>34</sup> BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [H 5, 1].

<sup>35</sup> BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [J 80, 2 / J 80a, 1].

<sup>36</sup> Cf. BUCK-MORSS, S. *Op. cit.*, p. 97.

arrancados de seu contexto original e transformados em passagens-imagens, se convertem em estrelas de uma constelação a ser decifrada pelo leitor como um cosmólogo e caçador. O texto, escrevera Benjamin, “é uma floresta na qual o leitor é o caçador. Rumores na floresta: a idéia – a presa arisca; a citação – uma peça do quadro”<sup>37</sup>.

**Resultados Esperados:** a redação de artigos e ensaios sobre o tema proposto.

**Infraestrutura necessária:** aquisição de bibliografia especializada.

### Cronograma

- I. Levantamento e análise do material bibliográfico: Novembro de 2023 a Novembro de 2024.
- II. Produção escrita: Novembro de 2024 a Novembro de 2025.

### BIBLIOGRAFIA:

#### a) obras de Walter Benjamin

BENJAMIN, W. *Gesammelte Schriften*. Herausgegeben von Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1991. (Band. I-VII)

\_\_\_\_\_. *Paris Capitale du XIX<sup>e</sup> Siècle: Le Livre des Passages*. Trad. Jean Lacoste. Paris: Cerf, 2009.

\_\_\_\_\_. *Passagens*, Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Minas Gerais: Editora, UFMG, 2006.

\_\_\_\_\_. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2000.

\_\_\_\_\_. *Obras escolhidas II: Rua de Mão Única*. Trad. José C. Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2000.

\_\_\_\_\_. *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo*. Trad. José C. Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 2000.

---

<sup>37</sup> BENJAMIN. *Passagens*, arquivo [m 2a, 1].

## b) Sobre Walter Benjamin

ABEL, J. *Walter Benjamins Übersetzungsästhetik: "Die Aufgabe des Übersetzers" im Kontext von Benjamins Frühwerk und seiner Zeit*. Erstauflage, 2014.

ADORNO, T. W. *Caracterização de Walter Benjamin*. IN: Prismas. Trad. Wenet e Almeida. São Paulo: Ed. Ática, 1998.

ADORNO, T. W. & BENJAMIN, W. *Correspondência: 1928-1940*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

AXER, E. *Eros und Aura. Denkfiguren zwischen Literatur und Philosophie in Walter Benjamins "Einbahnstraße" und "Berliner Kindheit: ... und "Berliner Kindheit"*. Wilhelm Fink Verlag, 2012.

BENJAMIN & SCHOLEM. *Correspondências*. Trad. Neusa Soliz. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BERDET, M. *Fantasmagories du Capital: L'invention de la Ville-Marchandise*. Paris: Zone, 2013.

\_\_\_\_\_. *Walter Benjamin, La Passion Dialectique*. Paris: Armand Colin, 2014.

BOLLE, W. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 1994.

BOUGANIM, A. *Walter Benjamin: Le Revê de Vivre*. Paris: Albin Michel, 2007.

BRETAS, A. *Fantasmagorias da Modernidade: Ensaio Benjaminianos*. São Paulo: Ed. Unifesp, 2017.

BUCK-MORSS, S. *A Dialética do Olhar. Walter Benjamin e o Projeto das Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

COHEN, M. *Profane Illumination: Walter Benjamin and the Paris of Surrealist Revolution*. Berkeley, CA: University of California Press, 1995.

DÉOTTE, J-L. *L'Homme de Verre: Esthétiques benjaminienes*. Paris: L'Harmattan, 1998.

ENGELMANN, J. *Vom Ende der Geschichte her: Walter Benjamins geschichtsphilosophische Thesen Taschenbuch*. Ventil Verlag, 2017.

FRIEDLANDER, E. *Walter Benjamin: Ein philosophisches Porträt*. Auflage: C.H.Beck, 2013.

FÜRNKÄS, J. *Surrealismus als Erkenntnis: Walter Benjamin - Weimarer Einbahnstrasse und Pariser Passagen*. J.B. Metzler, 1988.

GAGNEBIN, J. M. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GATTI, L. *Constelações: Crítica e Verdade em Benjamin e Adorno*. São Paulo: Ed. Loyola, 2009.

GARZA, N. *El Espacio de la Memória*. IN: COHEN, E. (Org) *Walter Benjamin: Fragmentos Críticos*. Ciudad de México: Universidad Autónoma de México, s./d.

- GELLEY, A. *Benjamin's Passages: Dreaming, Awakening*. New York: Fordham Univ. Press, 2015.
- GRUNENBERG, A. *Götterdämmerung: Aufstieg und Fall der deutschen Intelligenz 1900-1940. Walter Benjamin und seine Zeit Gebundenes Buch*. Verlag Herder, 2018.
- HABERMAS, J. *Perfiles Filosófico-políticos*. Trad. M. Jiménez Redondo. Madrid: Taurus, 2000.
- HANSEN, B. & BENJAMIN, A. *Walter Benjamin and Romanticism*. London: Continuum, 2002.
- KONDER, L. *Walter Benjamin: O Marxismo da Melancolia*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1999.
- KOTHE, F. R. *Benjamin & Adorno: Confrontos*. São Paulo: Editora Ática, 1978.
- KRAMER, S. *Walter Benjamin zur Einführung Taschenbuch*. Junius Hamburg, 2013.
- LACOSTE, J. *L'Aura et La Rupture: Walter Benjamin*. Paris: Maurice Nadeau, 2003.
- LÖWY, M. *A Estrela da Manhã: Surrealismo e Marxismo*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- MACHADO, F. A. P. *Imagem e consciência da história: pensamento figurativo em Walter Benjamin*. Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2013.
- MATOS, O. C. F. *Aufklärung na metrópole: Paris e a Via Láctea*. IN: BENJAMIN. *Passagens*, Trad: ARON, I. & MOURÃO, C. P. B. Minas Gerais: Editora, UFMG, 2006.
- MAYER, H. *Walter Benjamin: Réflexions sur un Contemporain*. Trad. Anne Weber. Paris: Le Promeneur, 1995.
- MISSAC, P. *Passagem de Walter Benjamin*. Trad. Lilian Escorel. São Paulo: Iluminuras, 1998.
- MOSÈS, S. *Walter Benjamin et L'esprit de la Modernité*. Paris: Cerf, 2015.
- NITSCHKE, J & WERNER, N. (Org.). *Burkhardt Lindner: Studien zu Benjamin (Kaleidogramme)*. Berlin: Kulturverlag Kadmos, 2016.
- PALMIER, J-M. *Walter Benjamin: Le Chiffonnier, l'Ange et le Petit Bossu*. Paris: Klincksieck, 2017.
- PROUST, F. *L'Histoire à Contretemps: Le Temps Historique chez Walter Benjamin*. Paris: Éditions du Cerf, s/d.
- RAFELE, A. *La Metrópole: Benjamin et Simmel*. Paris: CNRS Editions, 2010.
- ROCHLITZ, R. & RUSCH, P. (Org.). *Walter Benjamin: Critique Philosophique de l'Art*. Paris: Puf, 2005.

ROSS, A. *Walter Benjamin's Concept of the Image*. New York: Routledge, 2015.

TEYSSOT, G. *Walter Benjamin: Les Maisons Oniriques*. Paris: Hermann Ed., 2013.

SCHULTE, C. *Erfahrung und Zerstörung: Zwei Texte Walter Benjamins*. Vorwerk, 2018.

SELIGMANN-SILVA, M. *A Atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SIMAY, Philippe (Org.) *Capitales de la modernité*. Paris: Éditions de l'éclat, 2005.

SOLIBAKKE, K. I. *The Passagen-Werk Revisited: The Dialectics of Fragmentation and Reconfiguration in Urban Modernity*. GOEBEL, R (Org). *A companion to the works of Walter Benjamin*. New York: Camden House, 2009.

STEINE, U. *Walter Benjamin: An Introduction to His Work and Thought*. Chicago: University of Chicago Press, 2012.

STEWART, E. *Catastrophe and Survival: Walter Benjamin and Psychoanalysis*. New York – London: Continuum International Publishing Group Ltd. 2010.

STIERLE, K. *La Capitale des Signes: Paris et son Discours*. Trad. Marianne Rocher-Jacquín. Paris: MSH, 2001.

WEBER, S. *Benjamin's – abilities*. Massachusetts: Harvard University Press, 2008.

WIGGERSHAUS, R. *La Escuela de Fráncfort*. Trad. Marcos Hassán. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

WISMANN, H (Org.). *Walter Benjamin et Paris*. Paris: Cerf, 2007.